



PRAÇAS

Contos

Marcos Soares

PRAÇAS:

contos

Marcos Soares

PRAÇAS:
contos

Editora
Universitária  UFPE

Recife, 2012

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado.

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques.

Diretora da Editora UFPE: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Editora associada à



Comissão Editorial

Presidente: Prof^ª Maria José de Matos Luna.

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covalleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alessandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covalleski, Sílvia Helena Lima Schwamborn.

Capa: Ildembergue Leite de Souza.

Diagramação: Laís Mira

Revisão: Emmanuela Bezerra; Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez

Revisão geral: Marlon Melo

Impressão e acabamento: Editora Universitária da UFPE.

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

S676p Soares, Marcos, 1970-
Praças : contos / Marcos Soares. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013.
73 p. - (Coleção Novos Talentos).

ISBN 978-85-415-0170-5 (broch.)

1. Contos brasileiros. I. Título.

B869.3

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2013-004)

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

É com grande satisfação que a Editora Universitária (EdUFPE) e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) apresentam ao mercado editorial a *Coleção Novos Talentos*. Trata-se de mais uma iniciativa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pela democratização do acesso ao conhecimento, desta feita por meio do incentivo à publicação de obras inéditas, produzidas por seus servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação.

O nome escolhido não poderia ser outro, pois, como indica, há, entre graduandos e quadro funcional da universidade, novos talentos à espera de uma oportunidade editorial. Em 2012, lançamos o edital de inscrição de propostas e, na primeira fase de publicação, vêm a lume nada menos que 17 títulos, cobrindo diferentes áreas de conhecimento, como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia. A diversidade de temas e o bom número de aprovações demonstram que a UFPE acertou ao perceber a necessidade de uma nova linha editorial para setores tão importantes da comunidade universitária, ampliando, assim, o compromisso de democratização editorial, que já contava com outras séries como *Teses e Dissertações* e *Livro-Texto*.

Outros editais da *Coleção Novos Talentos* virão. Outros estudantes e técnico-administrativos serão incentivados a transformar em livros suas habilidades para a produção do conhecimento. E, assim, essas duas partes vitais da nossa comunidade universitária colaborarão ainda mais com a missão social da UFPE em ser uma fonte de soluções para a melhoria da sociedade.

Maria José de Matos Luna
Diretora da EdUFPE

*Aos animais que pensam e que amam, aos que têm duas
pernas, aos que têm quatro patas, aos que rastejam e aos
que voam em céu aberto... à natureza, que os faz vivos.*

AGRADECIMENTOS

À Editora Universitária da UFPE, pela oportunidade de publicação.

Ao Professor Marlon Melo, do Colégio de Aplicação da UFPE.

Às bibliotecárias Emanuela Bezerra e Josefina Gomes.

A Laís Mira.

Aos amigos Miguel Figueiredo e Valentin Ferenczi, Claudionor JBS, Anderson Alves e Wilmar Isaac.

Às colegas de trabalho Márcia Moura, Fátima Almeida, Cláudia Roberta, da biblioteca do CCSA –UFPE.

À minha família: minha mãe, Maria de Lourdes, meus avós maternos, Pedro e Angélica (*in meroriam*).

Aos nossos cachorros, que alegam nosso lar, Amélie, Charlotte, Benoît, Piaf, Desirée... e às tartarugas Pascaline e Marie.

A todos os que acreditam nas minhas divagações literárias.

“Lugar onde há árvores vivas com lagos e fontes, onde pássaros voam livres,
sem medo... Um lugar perfeito para se fazer grandes historias.”

Wilmar Isaac

PREFÁCIO

Quatro adolescentes bebem vinho com um cineasta francês. Um exército de papais noéis entra em greve, um rapaz leva a avó para o hospital público. Três senhoras viúvas conversam, bichos elegem o seu presidente...

Praça da Juventude, das Águas, dos Três Poderes. Aracaju, São Paulo, Macapá.... Nas 27 “Praças” das capitais brasileiras, o povo vive, sonha, e fala das suas rotinas, alegrias, dos seus destinos coletivos.

Em poucas linhas, ou melhor, nas entrelinhas, o Marcos Soares nos conta a essência do povo brasileiro, e a universalidade do seu cotidiano, além dos regionalismos. Um livro comovente, que nos faz pensar, sorrir, lembrar, questionar, porque encontramos pedaços das nossas vidas nas histórias das criaturas que percorrem as “Praças”; sejam elas jovens ou velhas; brancas, negras ou de outra cor; humanas, ou até bichos.

Como nunca antes, o autor conjuga leveza, doçura e amargura, para retratar neste livro os três personagens que todo ser brasileiro encontra dentro de si: o instintivo, o fatalista e, sobretudo, o sonhador.

Valentin Raphael Henri Ferenczi,
Professor Titular de Matemática
Universidade de São Paulo.

Todas as tardes, quando o sol já estava adormecendo entre as nuvens, aquelas três senhoras sentavam no banco da Praça da Alegria, em São Luís, cidade onde moravam, para recordar e viver o tempo que passou. As três eram viúvas. Dona Candinha, 67 anos; Dona Torzinha, 70, e Dona Leopoldina, 72. Ficaram viúvas no mesmo ano. O marido de Dona Candinha foi pescar em alto-mar e não voltou. Encontraram apenas partes de suas roupas, rasgadas, algumas semanas depois. O marido de Dona Torzinha era hipertenso. No final da Copa do Mundo, após a derrota da seleção brasileira, teve um ataque fulminante. O marido de Dona Leopoldina foi para guerra e morreu por lá, deixando para a esposa apenas uma medalha e uma aposentadoria vitalícia. Ali, naquele lugar arborizado, elas falavam de suas vidas, dos seus amores, dos sonhos que ainda tinham. Amavam a vida, mesmo sofrendo com a solidão deixada pelos seus companheiros e completada pela ausência da família.

Torzinha morava sozinha em um sobradinho próximo à praça, tinha uma filha única que morava no sul e que só a visitava no Natal. Candinha não pôde ter filhos. Tinha como companhia uma gata e um cachorro. Os animais mantinham um relacionamento amistoso. Eram seus xodós. Leopoldina teve quatro filhos. Morava na casa de um deles, juntamente com a nora, que implicava com as suas perucas. Com a sua pensão vitalícia, ajudava na educação dos netos.

As três mulheres cursaram magistério, mas apenas Candinha exerceu a profissão até se aposentar. Sentiam-se livres por poderem estar com saúde, apesar do cansaço, e não viverem em asilo, como aconteceu com muitas de suas amigas e suas professoras da época do Liceu. Essa liberdade era refor-

çada quando se encontravam na praça, nas tardes quentes da cidade do bumba meu boi. Tomavam sorvete de jenipapo, que as crianças odiavam, e ficavam a observar a garotada, que passava apressada. Queriam entender como os jovens corriam tanto e não paravam sequer para pensar por que precisavam correr. O mundo não iria acabar amanhã; eles poderiam ter uma vida mais tranquila, poderiam ler mais.

– São modernos, dizia Candinha. São de outra geração. Vejam os brinquedos dessa praça; estão sempre vazios, e os guardas brigam quando algum adulto quer utilizar o balanço. Parece que eles já nasceram guardas.

– São condutas de uma sociedade para manter a ordem e o bom costume.

– Sim, concordo com você, Torzinha. Mas eu gostaria de poder me balançar naquele balanço vermelho; minha cor preferida. Que pena eu ter o quadril largo. Poderia machucar-me, se o fizesse.

As amigas deram uma gargalhada. Naquele momento, passava o carteiro do bairro, com sua mochila vazia. Havia entregue as últimas correspondências. Era um rapaz muito querido pelos moradores, pois interagia com os destinatários das cartas que entregava, além de fazer favores para pessoas que precisavam de algo, principalmente para os analfabetos.

– Ah, Torzinha e Leopoldina! Minha bela mocidade! Dançaria a noite toda na companhia de Antônio.

– Deixa disso, ele é noivo. Além do mais, tem idade para ser seu neto, resmungou Leopoldina.

– Leopoldina, a Candinha só queria dançar.

– Nada disso, eu também me deitaria com ele.

– Candinha! Mantenha a compostura de uma professora primária!

E, assim, as viúvas, em meio àquela contenda, assistida pela estátua do poeta Benedito Leite, passavam mais uma tarde na Praça da Alegria, outrora conhecida como Largo da Força Velha, por causa dos enforcamentos de escravos, praticados no local. Dizia-se que, ao longe, viam-se os negros pulando. Achava-se que eles estavam alegres, mas na realidade estavam sendo enforcados.

Às 18 horas, como era de costume, elas regressavam às suas casas, ouvindo a Ave Maria no rádio de pilha de dona Torzinha.

02

Praça das Águas - Boa Vista (RR)

Elias, Rafael, Natalício e Eveline cursavam o último ano do ensino médio. Moravam em Boa Vista e, todas as sextas-feiras, à noite, depois da aula de matemática, saíam do subúrbio onde moravam e desciam até a Praça das Águas, um ponto bem movimentado, frequentado pela juventude. Ao redor, havia vários bares e restaurantes, com seus pratos típicos e eventos musicais. Eles preferiam ficar no Portal do Milênio, monumento construído para comemoração da chegada do ano dois mil. Lá, faziam o chamado piquenique urbano.

Eveline, a única mulher do grupo, ficava encarregada de levar, na mochila, a toalha, que não era de xadrez, mas de uma estampa carnavalesca; os pratos descartáveis, as taças, de vidro – sempre levava cinco delas, caso aparecesse alguém para fazer parte daquela tertúlia. Os rapazes levavam as garrafas de vinho seco, o queijo e os pães e salaminhos. Natalício, o cantor da turma, levava seu violão.

Com toda naturalidade, lembrando parisienses nos parques e praças de Paris, eles se acomodavam ao redor daquela toalha e bebiam à memória de Dionísio, o deus do vinho, conforme aprenderam na aula de história. Elias, o mascote da turma, tinha 17 anos. Iria fazer vestibular de jornalismo. Rafael, 18 anos, sociologia. Natalício, também com 18 anos, bacharelado em música e Eveline faria ciências políticas. Ela era a mais estudiosa e também a mais velha do grupo. Tinha 19 anos e falava inglês fluentemente, graças ao seu padrinho, que a presenteou com um curso de inglês quando tinha 12 anos.

Foi o único presente que recebeu dele, depois do enxoval do batizado. Eveline já tinha “ficado” com Natalício, em uma festa do colégio. Deixou-se levar por sua música e, afinal, Natalício fazia todo um jogo de sedução, com seus cabelos cacheados, olhos amendoados e um sorriso bonito, mesmo não estando dentro do padrão de beleza determinado pela geração do milênio. Não foram além daquela noite. Eveline ficou sabendo pelo próprio Natalício que ele estava ficando com um menino do terceiro ano da tarde. Ele ficava com meninos e meninas, sem problema nenhum; também não assumia nenhuma das duas opções. Para ele, a sexualidade estava na musicalidade das relações que vivia. Era feliz dessa maneira. Seus pais sabiam e o respeitavam. Isso o deixava confortado. Seus amigos das sextas-feiras também o respeitavam, apesar do gaiato Rafael que, depois da terceira taça, instigava para saber detalhes da atividade sexual do amigo. Natalício levava na maior, não se deixava aborrecer pelo amigo.

As pessoas que passavam perto do grupo ficavam curiosas. Afinal, com tantos barezinhos e restaurantes ao redor da praça, eles preferiam ficar bebendo vinho deitados no chão, sobre uma toalha. Também, a presença de uma única mulher no grupo atraía a curiosidade dos passantes. Entretanto, eles se divertiam com os olhares inquisidores e, quando passava alguém que olhava fixamente para o grupo, eles ofereciam um pedaço de pão caseiro, feito por Eveline.

Em uma dessas sextas-feiras, a “turma de Dionísio”, como eles se autointitulavam, usaram a quinta taça com um cineasta francês, que achou aquele hábito de tomar vinho seco na praça, sob um calor de 34 graus, atípico para uma cidade latino-americana. O francês, filmando na região, estava de passagem pela capital e, caminhando próximo ao ponto onde circulava a juventude da cidade, encontrou o alegre grupo. Eveline aproveitou para falar em inglês com o cineasta. Ele não gostou muito, preferia arranhar o seu português de dicionário de turista europeu. O vinho servido ao francês foi bebido suavemente, aprimorado pelo paladar gaulês. Ao final do primeiro gole, aprovou as uvas procedentes do Vale do São Francisco, no Nordeste do Brasil, onde também cultivavam-se uvas Cabernet Sauvignon. Na segunda taça, o francês

já estava interagindo com os secundaristas e colhendo informações para um futuro documentário sobre o cotidiano daqueles meninos.

As horas na Praça das Águas passavam como água em cachoeira. A fonte jorrava água em tons diferentes, acompanhando a música que saía através de caixas de som instaladas debaixo dos bancos da praça e que foram desligadas pela administração assim que deu meia-noite. O último coletivo estava passando. Depois dele, só haveria o chamado bacurau, que sairia às 2 horas da manhã do terminal e que só servia para os meninos de Dionísio quando havia *show* de cantores de sucesso na mídia, apesar de o quarteto reclamar que a prefeitura não trazia os representantes da autêntica música popular brasileira para os *shows* gratuitos.

O francês gentilmente se ofereceu para levá-los até em casa em seu carro alugado, mas eles recusaram o convite, aceitando, apenas, o cartão de visita, para um futuro contato.

Ao descerem do ônibus, perceberam que haviam deixado cair o cartão de visita do cineasta na cadeira do coletivo. Chegando à escola, na segunda-feira, ninguém comentou aquela perda.

03

Praça da Sé - São Paulo (SP)

– Estação Sé ! Desembarque pelo lado direito do trem!

Ela desceu apressada, atenta ao comando daquela voz que ela não conhecia. Do metrô, procurava a saída que dava para o Marco Zero da cidade, onde seu noivo, José Mariano, estaria à sua espera. Viajara 48 horas, do interior do Nordeste à capital da garoa, para trabalhar em uma casa de família. Emprego conseguido pelo seu noivo. Soletrando as setas indicativas, ela pegou a escada rolante com certo temor. Era a primeira vez que andava de escada rolante.

Seu noivo havia marcado no chamado Marco Zero. Ela não sabia o que era o Marco Zero, porém tinha certeza que seu noivo estaria lá. A escada rolante a deixou na aclamada Praça da Sé. A moça olhou para todos os lados, abismada com os arranha-céus ao seu redor e aquela praça, com seus monumentos modernos; a catedral, com a sua ostentação de beleza clássica, e as palmeiras suavizando aqueles concretos.

Com timidez, ela dirigiu-se a um homem fardado que fazia a proteção daquele lugar e perguntou onde ficava o Marco Zero. Ele gentilmente a levou até lá. Ela agradeceu sem olhar para o homem fardado. Ele, percebendo sua vergonha, não puxou assunto e voltou para o seu posto, próximo da igreja. De lá, sob um guarda-sol, ele ficou a observá-la, com sua maleta marrom, com alça de ferro, e uma bolsa a tiracolo, procurando o noivo na multidão.

O inverno havia chegado, mas era um dia de sol escaldante e o ar estava abafado. Ela não aguentou ficar ali, encostada no monumento do Marco Zero e procurou a sombra de uma palmeira. Estava cansada, com sede e com fome; Entretanto, a fome de encontrar seu noivo era maior. Olhava para o espelho

d'água da praça e, à sua mente, vinha a imagem de José Mariano correndo e lhe abraçando, conduzindo-a para sua nova morada. Enquanto isso, os ambulantes gritavam, lutando por seu sustento.

O sino da catedral tocou três vezes. Era meio-dia, hora de alimentar o corpo. Outro homem fardado substituiu o colega, liberando-o para almoçar. Ele não quis almoçar sem antes resolver suas inquietações. Foi direto ao encontro daquela moça e perguntou se ela estava à espera de alguém. Ela, cabisbaixa, contou sua história. Por fim, ele sorriu e disse:

– Você parece a Macabeia, de Clarice.

– Não sei de quem o senhor está falando, mas meu nome é Clarice. Ele, pedindo desculpas por ter desdenhado de sua ignorância, ficou comovido com aquela criatura. Precisava ajudá-la. Atravessou a praça e foi comprar-lhe um cachorro-quente. Enquanto ele esperava o lanche, a proprietária da carrocinha mostrou-lhe o jornal, com a foto de um “baiano”, como eram chamados os migrantes nordestinos. A manchete do jornal dizia que um homem, auxiliar de pedreiro, havia caído do vigésimo terceiro andar de um prédio. A vítima se chamava José Mariano.

A comida e a bebida não eram mais relevantes. Ele precisava confortar Clarice. Poderia não ter sido seu noivo, afinal existem outros José Mariano, mas aquela moça não poderia ficar ali, abandonada, sem destino. Ele a convenceu a ir com ele para sua casa. Ele a acolheu da mesma forma que sua mãe fora, um dia, acolhida por um desconhecido, que se tornou seu pai.

04

Praça do Entroncamento - Recife (PE)

- Mamãe, eu quero ir à praça!
- No Natal, a gente vai.
- Ah, eu quero ir agora!
- Só no Natal!

Era sempre assim com as crianças que moravam ao redor daquela praça. As mães ou as amas de leite modernas se recusavam a levá-las para brincar ali durante o ano. Só iam, no Natal, para ver a magnífica decoração, feita para alegrar a vizinhança. Aquela praça era o xodó da cidade do Recife. Todos os anos, era decorada para festejar a chegada do Natal, com direito a aparecer na televisão. Era o cartão-postal do bairro das Graças. Contudo, a beleza da praça só era ressaltada no mês de dezembro. Nos outros meses do ano, ela pertencia aos moradores de rua, que dormiam e circulavam em meio às paisagens naturais, sob palmeiras e mangueiras. Os mesmos “moradores da praça” tomavam banho ali mesmo, com a água que jorrava do chafariz, e secavam-se ao sol.

Durante o ano, essa rotina era permitida, mas, com a chegada das festas de final de ano, havia uma mudança radical, agradando a todos. As pessoas sem domicílio fixo que circulavam e habitavam na praça eram convidadas a passar o período festivo em um espaço de convivência com direito a três refeições diárias e, na ceia, serviam-se peru, arroz com passas e refrigerantes, além dos presentes doados por pessoas anônimas. Inclusive, por causa dessa assistência, havia migração de pessoas que viviam em outras praças da cidade. Tudo era realizado com a melhor das intenções e a praça ficava um primor com os enfei-

tes natalinos, um belo e magnífico presépio da família de Nazaré e uma árvore gigante simbolizando o espírito do Natal.

As crianças desciam ao encontro do Papai Noel, acompanhadas dos adultos, que também se encantavam com o espírito natalino presente naquele espaço público que um dia abrigou o cruzamento de três estradas de ferro.

Enquanto isso, no espaço de convivência, os hóspedes se divertiam, jogando bilhar ou futebol, assistindo à televisão, fazendo o que eles não podiam fazer durante os outros meses do ano. Exceto para o morador da praça conhecido por Bira, um rapaz de cabelos compridos, barba cheia e que usava um chinelo de couro envelhecido pelo tempo e olhava para pessoas com amor. Esse não aceitava a “bondade” dos políticos. Vivia do seu artesanato, fazendo pequenas casas de madeira, que ele pintava de rosa. Tinha como amigos os poetas dos livros que ele tomava emprestado da Biblioteca Pública do Estado, onde ele tinha cadastro, no qual constava a praça como endereço. Segundo as normas da biblioteca, ele não poderia pegar livros emprestados porque não tinha endereço fixo, mas a bibliotecária conhecia o peso das palavras escritas na vida de um homem e acreditava que os livros existem para serem lidos, sentidos e vividos. Assim, na esperança de um mundo melhor, infringiu as normas de empréstimos.

Na noite de Natal, depois da meia-noite, a praça ficava vazia. Apenas Bira ficava ali, sentado, admirando a decoração da praça, entre seu artesanato, o livro de Manuel Bandeira e suas convicções, comendo um pedaço de frango com farofa ofertado pelo vigia de um prédio em construção.

– Béééééééééé! Berrava o bode, com uma calcinha branca na cabeça, em plena Praça João Pessoa, onde ficavam os Três Poderes do estado da Paraíba. O bode estava à procura do vencedor da corrida das prostitutas, evento que ocorria na cidade, no mês de junho. O animal havia se perdido no meio da multidão, durante a corrida na Rua da Areia, onde ficavam as “casas prazerosas”. Os homens livres participavam dessa corrida. Cada um saía às ruas, correndo, levando sobre a cabeça uma calcinha de cor e modelo diferente. O vencedor da corrida ganhava prêmios bizarros, como galinhas, corda de caranguejos... Naquele ano, ofertaram um bode, que, pela idade, mais parecia um pai de chiqueiro. E o tal bode foi parar na praça principal da cidade.

Ali, ele começou a berrar. Seus berros chegavam a estremecer a estátua do finado João, que emprestava seu nome à praça e que havia sido assassinado em uma cidade vizinha.

Passou pelo bode uma senhora em trajes sensuais, uma meia-calça e uma minissaia, ousada para sua faixa etária. Cheirava a jasmim. Fez silenciar o caprino. A extravagante senhora se aproximou dele, passou a mão na sua barbicha branca e sorriu como se já o conhecesse. Era final de tarde, só eles estavam na praça, parecia dia de finado.

A mulher, que tinha uma tatuagem nas costas com o nome de Madalena, tirou a calcinha branca de sobre a cabeça do bode, foi para trás de um dos bancos de pedras e a vestiu com toda praticidade e espontaneidade. Enquanto o bode olhava, ela o cheirava como se estivesse agradecendo aquele mimo. Abriu

a bolsa de couro postiço, pegou uma caixa de pó e começou a maquiar-se. As lamparinas foram acesas, era o início de mais uma noite de trabalho.

Sentada em um dos bancos, ela cruzou as pernas e balançou seu decote, mostrando seus seios descaídos pelo tempo. Alguém estava se aproximando. Era um moço de aparência atlética e vistosa. Trazia na mão uma corda. Laçou o bode pelo pescoço e o levou embora, sem perceber a ausência da calcinha e a presença daquela mulher que o olhava com o desejo de uma virgem à espera da lua e do mel.

Tubarão latia com toda voracidade de um cão que sabia o que queria. Era o líder daquela praça desprovida de sombra. Tinha água para matar sua sede, o espelho d'água para nadar e um gramado, que servia para secar seus pelos e os dos companheiros que perambulavam pela praça, em comboio. Quando latia, parecia um lobo em noite de lua cheia. Imediatamente, a praça era tomada por outros cães, ali presentes dia e noite. Encostado no mastro da maior bandeira hasteada no planeta, Tubarão dava início ao ladrido dos cães. Todos estavam ali, com exceção de Mimoso, que só possuía três patas. Perdeu uma durante uma perseguição da carrocinha, na comunidade onde ele morava.

Os cães eram maioria naquela praça, mas também havia alguns felinos, também abandonados pelos seus donos. Todos conseguiam viver em harmonia e respeito, cada um no seu espaço, preservando os seus direitos, cumprindo com seus deveres. Viviam das migalhas, conseguidas pelos cães e gatos mais habilidosos, nas ruas próximas à praça. Tubarão era o mais velho da turma. Agia como um monarca, porém não tinha herdeiro, era estéril. Antes de morar na praça, vivia na companhia de uma senhora octogenária. Após a morte desta, ele foi posto para fora da casa, vendida pelos herdeiros. A única coisa que levou consigo foi a coleira de couro com seu nome.

Alguns dos cães e gatos nasceram ali mesmo. A maioria era de raça não definida, com exceção de um autêntico angorá, o gato Anacleto, olhos azuis, silencioso, sossegado, porém astucioso e ambicioso, procurava tirar proveito da situação durante as reuniões realizadas para manter a ordem e o bom costume. Seu companheiro desconfiava que ele quisesse passar a pata no colega

Tubarão para tomar a sua liderança. Contudo, os outros animais não o apoiavam, viam nele uma raposa na pele de um gato. Preferiam a monarquia de um Tubarão. Nenhum sistema de governo é eterno e o mundo é inquieto e, às vezes, cruel em suas mudanças. Tubarão começou a procurar seu substituto. Estava cansado, e aquela praça não podia ficar sem documento. Caso contrário, aquilo ali se tornaria uma anarquia geral que poderia acabar com os sonhos da bicharada. Os sonhos eram um instinto animal, instinto que os deixava vivos.

O escolhido foi Salomão, de nome bíblico, cauteloso e generoso, cuidava das cadelas e dos seus filhotes e gozava de boa amizade com a população da praça. Mestiço, de orelha em pé, patas e focinho finos, dentes brancos, pelos negros com pintas brancas e marrons, o andar pesado. O problema era sua insegurança constante para tomada de decisões.

No dia da posse, Anacleto não deu um miado sequer. Passou a manhã abanando o rabo, pensando em um plano para impedir aquela substituição programada. Não era justo alguém ser escolhido por um único animal, mesmo que este tivesse o respeito dos companheiros. Ele teve a ideia de convocar uma reunião extraordinária para propor uma eleição direta. Tubarão ficou uma fera. Seu latido chegou a balançar os prédios harmônicos dos Três Poderes. Anacleto persistiu, miou mais alto e conseguiu que todos os que viviam na praça pudessem votar e eleger o bicho que substituiria a gestão do Tubarão.

Todos puderam votar em quem julgassem ser o melhor. Não existiam os candidatos, todos eram candidatos naturais naquele processo de democracia. Veio a grande surpresa: Salomão, o preferido de Tubarão, recebeu dois votos; Anacleto, um. E o vencedor foi o cão Mimoso, levando os votos restantes, eleito novo líder da bicharada. Ele ficou tão alegre que esqueceu sua deficiência física, pulando ao redor da escultura dos Guerreiros, símbolo da cidade de Brasília. Tubarão foi consolar o amigo Salomão; o gato Anacleto ficou arquitetando algo contra o Mimoso, pois o escolhido não conhecia o lado obscuro e venenoso da política. Ao longe, um beija-flor, que não podia sugar o néctar das flores, devido à ausência delas na praça, sobrevoava a extensão territorial, cantando a vitória.

Quando não se tem dinheiro para ir a lugares pagos, temos a praça e o mar como uma opção para passear com quem amamos. E se praça e mar estiverem frente a frente, que maravilha! A Praça dos Namorados estava localizada na Praia do Canto, na capital do Espírito Santo. No dia de Santo Antônio, pegava fogo, mas não era para bombeiro apagar. As chamas ardiam em brasas na fogueira da paixão. Casais ocupavam todo aquele território. Parecia um ninho de passarinho.

O mar testemunhava todos aqueles desejos dos casais enamorados. As trocas de presentes lembravam o Natal. Os perfumes e os bichinhos de pelúcia eram os itens mais presenteados, exceto entre os casais mais liberais, que ofertavam apetrechos adquiridos em lojas proibidas para menores de dezoito anos. Os mimos eram abertos com certa cautela, acompanhados de risos e olhares maliciosos e sedutores.

A paixão estava presente em todas as idades e convicções sexuais, apesar de a maioria ser de casais heterossexuais. Os outros casais, chamados de alternativos, mesmo com a legislação a seu favor, não ficavam à vontade na presença dos casais denominados héteros. Só alguns arriscavam os olhares admirados das crianças, dos adultos e dos idosos nas áreas públicas. Precisavam de muita coragem para enfrentar a situação. E isso as meninas tinham. Zita e Alice eram duas jovens de classe média, filhas de intelectuais. Zita tinha 21 anos, cursava medicina; Alice, 19 anos, cursava artes cênicas. Ambas estudavam na mesma universidade. Adoravam passear de mãos dadas, não se intimidavam com ninguém, e quando queriam, beijavam-se. Às vezes, um selinho, outras um

beijo prolongado, uma carícia, um abraço apertado. Faziam tudo o que um casal de namorados faz quando está em uma praça ou na beira da praia, sem o menor constrangimento. Ambas eram femininas em seu exterior, não tinham nenhuns estereótipos, o que mexia com o imaginário da população.

Zita jogava tênis, Alice velejava. Conheceram-se num domingo, na feirinha típica da Praça dos Namorados. Estavam comprando bijuteria artesanal. O vendedor não tinha troco para Alice. Foi quando Zita gentilmente propôs trocar o dinheiro. Em agradecimento, Alice a convidou para tomar uma água de coco. Depois daquela água, passaram a beber da fonte do amor. Seus pais não se opuseram à relação. Foram perseguidas pela síndica do prédio onde Alice morava. A moralista senhora as proibiu de trocarem algum tipo de carícia na sala visitas do prédio e também nos elevadores. Em protesto, elas rasgaram o estofado e quebraram o espelho do elevador social. Atitude reprovada pelos pais. Porém, quando se é jovem, cometemos erros em defesa do amor.

Na praça não havia síndica e os vigilantes apenas cuidavam do patrimônio, além de jogar baralhos. Elas não faziam demonstrações afetuosas com o intuito de instigar o preconceito nas pessoas. Queriam apenas ter um relacionamento tranquilo, sem medo, sem complexo, sem insegurança e punição. Sabiam dos seus direitos como cidadãs, conheciam as leis que protegem relações homoafetivas, moravam em um país que trabalhava o respeito às diferenças e elas não estavam sozinhas. Não desejavam ter que viver em guetos para viver momentos felizes. Queriam se amar a céu aberto, contando estrelas, agradecendo a Santo Antônio a ausência da solidão.

A prática de esporte é vital para saúde e bem-estar, além de ajudar a conseguir uma boa forma física. A não realização dessas práticas contribuiu para que Cosme e Damiana, irmãos gêmeos homozigotos, ficassem gordos. Os dois adolescentes não praticavam nenhum tipo de esporte, exceto os concursos que aconteciam na praça, promovidos pelos restaurantes do tipo *fast-food* e que avaliavam quem comia mais *pizza*, cachorros-quentes, acarajés, tapiocas, pastelinhos japoneses. Todo mês, havia uma eliminatória e, a cada seis meses, saía o vencedor, que ganhava um mês de lanches grátis na área de alimentação do *shopping* da cidade. A praça ficava recheada de adolescentes de diversas faixas etárias e pesos, a maioria divertida e com o chamado apetite de leão. Cosme era bicampeão, sua irmã tricampeã. Cosme só havia perdido uma vez para o atual rei momo da cidade. A garotada só podia participar do concurso se fosse maior de 16 anos. O regulamento do concurso seguia normas do Supremo Tribunal Eleitoral quanto ao direito de votar.

Os irmãos não moravam juntos. Cosme morava com a mãe e Damiana com o pai e sua madrasta, uma nutricionista famosa, que estava sempre nos programas de televisão com a sua dieta fatal. Fazia as pessoas perderem peso em poucos dias, andava sempre com um álbum dos seus clientes famosos. Sua dieta só não funcionava com a enteada. As duas estavam sempre em pé de guerra. Nos jantares que oferecia em casa para a imprensa, Damiana nunca estava presente, e o pai não saía em defesa da filha, com medo de perder *status* e patrimônio. O comportamento calmo e discreto da menina ponderou

na hora da escolha, porque o irmão era agitado, respondão e não gostava da madrasta.

Os irmãos estudavam na mesma escola e, constantemente, sofriam *bullying*. Contudo, quando Cosme percebia que estava sendo ridicularizado junto com a sua irmã, saía em defesa de ambos e aí de quem os chamasse de bolota, bujão de gás, balão, rolha de poço, bola cheia, gordura trans, triglicérido, colesterol e outros apelidos nada agradáveis. E o que o deixava ainda mais nervoso eram os outros meninos e meninas que também estavam acima do peso e zoavam deles.

O alívio se dava quando eles largavam da escola e iam para Praça da Juventude, na charmosa Aracaju. Quando não estavam participando das olimpíadas gastronômicas, ficavam observando as modalidades esportivas: atletismo, *skate*, futsal, futevôlei, handebol. Cosme passava horas admirando as meninas do vôlei. Sua irmã não perdia uma partida de futebol. Eles estavam despertando a libido. Cosme paquerava todas as meninas do vôlei, enquanto Damiana ficava imaginando ser a bola de futebol rolando naquele gramado verde, indo de encontro à mão do goleiro do time de camisa amarela.

Na praça, eles circulavam com liberdade. As pessoas que passavam por eles não caçoavam dos seus corpos recheados de lipídios. Eles gostavam de ser assim, sentiam-se bem com suas formas físicas, não praticavam esportes, apesar de admirarem a sua prática. Não sofriam de obesidade mórbida, e sim com o preconceito mórbido das mentes mórbidas de pessoas que não respeitavam as diferenças.

Chovia muito na velha Manaus e, naquele espaço público, conhecido como Praça da Polícia, por ficar na frente do quartel militar, uma sombrinha e um guarda-chuva estavam entrelaçados. Sob eles, um casal de namorados protegia-se da chuva forte que caía. A chuva teimosa molhava as roseiras, que preferiam o sol. Os *Ficus benjamina* se alegravam e ofertavam comida aos passarinhos; os peixes pirarucus não se incomodavam com o aguaceiro, estavam sempre molhados; os patos batiam suas asas à procura de um lugar seco para agasalharem suas ninhadas. Enquanto Dolores e Adolpho esperavam a chuva passar, sentados no banco de madeira onde, todas as quartas-feiras, se encontravam, depois do expediente de trabalho, para matar as saudades. Dolores era uma índia, moça, na expressão do tempo e na virgindade da palavra. Não era vaidosa. Nunca passara batom em seus lábios carnudos. Seus cabelos não conheciam tesoura. Não usava sutiã, apenas um vestido comprido até ao joelho e um chinelo de dedo. Seu perfume era o cheiro do verde da Amazônia. Quanto a seu namorado, Adolpho, era um homem elegante, fardado por profissão, portador de várias estrelas que o levavam à patente de Major. O casal se conheceu há um ano, quando o Major e sua tropa protegeram Dolores e sua tribo da perseguição dos exploradores do pau-brasil. Durante o conflito, Dolores quase foi vítima de um estupro por parte de uma criatura desequilibrada, escrava de seus impulsos, carente de auxílio. Graças ao seu protetor, a violência foi evitada e eles se conheceram melhor, passando a namorar. Compromisso sério. Adolpho acreditava na essência das pessoas, e aquele perfume era o que ele buscava para toda uma vida.

Mas a essência também pode ser diluída, deixando apenas o cheiro do vazio em um frasco que custara o preço de se ter um grande amor. Para cada amor se desenvolve uma única essência, conduzindo a uma união que poderá ir além do que é visível. O amor do homem da lei e da mulher da natureza esperava a tempestade passar. E se, porventura, caísse um raio, eles não sofreriam. Juntos, o pano preto e o pano florido os protegiam da chuva, mas também serviriam para vestir seus corpos, que, com o tempo, também seriam diluídos, tal qual a essência dos perfumes de outrora, deixando uma história de amor, escrita nas páginas de um cordel ou de um clássico universal.

– Estamos de saco vazio! Cansamos de sermos explorados no Natal!

Acontecia a primeira greve de Papais Noéis da história. A concentração ocorria na Praça do Natal, na capital do Rio Grande do Norte, deixando as crianças potiguaras à espera do bom velhinho. A população mais afetada foi a composta pelos comerciantes das lojas e *shoppings* da cidade. Era início de dezembro, os centros comerciais já estavam em ritmo acelerado para as compras natalinas, os trabalhadores à espera do seu décimo terceiro salário para comprar celulares, computadores, roupas, eletrodomésticos e livros. A cidade estava decorada com luzes e neve artificial, a Praça do Natal já exibia a maior árvore natalina do mundo. Faltava o personagem principal do Natal, o Papai Noel. Ironicamente, estavam todos protestando na praça por melhores condições de trabalho, no seu único mês de trabalho.

Estava presente uma geração de Papais Noéis. Do mais velho, que tinha 91 anos de idade e 50 de paternidade natalina, trabalhando na maioria das lojas do centro, chegando a acompanhar a falência e concordata de algumas, ao mais novo Noel, um jovem de 30 anos, aposentado por causa de uma labirintite. Fazia um extra no mês de dezembro para ganhar seu décimo quarto salário. A praça estava tomada de vermelho e sacos vazios. Todos os Papais Noéis ali presentes tinham em comum peles claras, olhos verdes ou azuis, eram robustos e de estatura média. Quanto à barba, uns tinham a chamada barba de Papai Noel, outros usavam barba postiça.

O representante da associação de comércio local implorava pelo retorno imediato dos Noéis, prometendo que iria levar as reivindicações aos empre-

sários do comércio, juntamente com o Sindicato dos Papais Noéis. Os itens reivindicados eram: três salários mínimos para os que trabalham seis horas sentados e cinco salários para os que atuam seis horas em pé, além de vale-alimentação e transporte para buscá-los e levá-los em casa, um vale-presente através do qual eles pudessem comprar suas roupas de Natal e uma cesta natalina.

Os apaziguadores da greve liam os itens e discretamente debochavam de todas aquelas reivindicações. De repente, um deles teve uma ideia e ligou para o presidente do comércio varejista. No dia seguinte, estava publicada em todos os jornais do estado a alternativa para não prejudicar as vendas do comércio local.

Três dias depois da publicação, os Papais Noéis, continuavam em greve na Praça do Natal, enquanto as lojas e os *shopping centers* recebiam os novos contratados para ocupar as vagas dos grevistas: mulheres, negros, deficientes físicos, anões e adolescentes eram os novos Papais Noéis. A população da cidade aplaudiu aquele ato democrático em defesa da minoria. As vendas de dezembro atingiram o maior índice dos últimos anos. E os Papais Noéis de outrora passaram o Natal no vermelho.

11

Praça Pedro II - Teresina (PI)

A televisão em cores acabava de ser lançada. Porém apenas os ricos tinham acesso a ela. A classe média, quando muito, conseguia comprar o modelo em preto e branco da marca Telefunken. Alguns, para incrementar, usavam telas que deixavam as imagens coloridas, para alegria da molecada. Nem todos os canais funcionavam. O prefeito, com sua benevolência de campanha política, comprara uma TV colorida e a colocara na praça. Como era um homem discreto, preferiu não fazer inauguração. Escolheu a data, uma segunda-feira, para colocar o aparelho na Praça Pedro II, considerada o coração da cidade de Teresina. A praça tinha uma arquitetura que misturava período colonial e *art nouveau*. A televisão, colocada em um espaço na frente dos bancos, protegida por uma caixa de cimento, com grades e cadeado, transmitia uma novela de Janete Clair.

A chave para abrir a grade da TV ficava sob responsabilidade do guarda municipal de plantão. O aparelho era ligado às oito da manhã e desligado às 11 horas da noite. Aos sábados e domingos, era ligada das 12 horas do dia até o último filme da madrugada. O canal era o de maior audiência. A TV não tinha controle remoto. Através desse canal, a população que frequentava a praça recebia as informações nacionais e internacionais e se divertia. As crianças assistiam aos desenhos animados e ao Sítio do Picapau Amarelo. Os homens viam futebol e o Jornal Nacional. As mulheres, as três novelas e os programas de culinária. Aos sábados, todos assistiam ao programa do “Velho Guerreiro”.

Normalmente, na hora da novela, os homens saíam para fumar ou fazer alguma outra coisa. Ficavam as moças, com suas anáguas, na companhia das

mães e das tias, sentadas, chorando diante do drama da mocinha da novela das oito. A praça ficava lotada. Havia famílias que levavam banquinhos para não sentarem no chão. E, quando chovia, as sombrinhas abertas davam a impressão de uma praia no verão. As mulheres não perdiam um único capítulo do folhetim. Assistiam, antes, ao jornal, e levavam as notícias para os maridos, que preferiam ficar na cama ouvindo a chuva cair.

Todos zelavam por aquela caixa falante. Ai de quem se atrevesse a dar uma de esperto, querendo roubar aquele patrimônio público. Mas apareceu um forasteiro que se atreveu a roubar a televisão. Aproveitando um cochilo do guarda, pegou a chave, abriu a caixa e levou a TV, às pressas, para seu acampamento.

Quando o sol estava nascendo, nas primeiras horas do dia, o forasteiro já estava saindo da cidade em seu cavalo manco, levando a TV dentro do caçua. Foi rendido pela polícia e por meia dúzia de donas de casas que, com caçarolas na mão, ameaçavam atacar o meliante. Os policiais evitaram que ele fosse linchado. Porém, antes de levá-lo para delegacia, fizeram-no dar cem voltas na praça, falando bem alto: “Eu vou deixar de ser ladrão; vou trabalhar pra ganhar meu pão”.

A televisão voltou para praça, o larápio foi parar na cadeia pública e a novela de Janete Claire chegou ao final, para alegria da heroína e tristeza das donas de casas.

Três minutos de sobrevida para o futebol brasileiro. Copa do Mundo de 2010. Brasil e Holanda no páreo para disputar as semifinais. Os holandeses fizeram a festa, para tristeza dos brasileiros. O poeta ficou puto da vida. Assistia ao jogo num telão, junto com outros brasileiros, na Praça Castro Alves, onde acontecia a efervescência do carnaval baiano. É raro perder a chamada compostura, principalmente para um poeta, porque conhecia a paz, mas eram as quartas de final, o Brasil estava prestes a ganhar o título do hexa e, depois da poesia, o seu grande amor era o futebol. Nem a paixão avassaladora por uma atriz portuguesa o fazia esquecer uma partida de futebol. Sendo jogo da seleção brasileira, então, não tinha mulher que o prendesse.

Assistia aos jogos com os amigos, bebericando uma branquinha com limão e comendo um peixinho assado, como tira-gosto, na barraca da Nã, uma mulata que morava na cidade alta e mantinha aquele comércio de comidas e bebidas o ano todo. Afinal, naquela praça, a alegria acontecia sempre e a tristeza era passageira. Nã ficava sempre encantada com aquele poeta. Ele a seduzia pela beleza do gesto. Ela sabia do seu chamego com uma atriz, mas não se intimidava. Além disso, ela também desempenhava papéis na vida real: cozinheira e garçonne, doze horas por dia, de terça a domingo. Filha única, coisa rara na sua cidade, cuidava com carinho dos pais. Tinha três filhos adolescentes, órfãos de pai. A mulata não perdia a jovialidade e o carisma, conquistando os seus fregueses e o sorriso do poeta.

Naquele momento de decepção e tristeza, por alguns minutos, o verde e o amarelo foram jogados ao chão. Bandeira, bonés, camisetas, lenços e outros

objetos que simbolizavam a seleção foram abandonados pelos seus donos em plena Praça Castro Alves. Os ambulantes guardavam os seus investimentos para dali a quatro anos. Não podiam ficar no prejuízo. Foi quando o poeta gritou: – Estamos livres para sonhar novamente com a vitória a se concretizar. Temos que acreditar e espantar a tristeza, apostando no novo. Alegria, meu povo! O trio elétrico está chegando e não é para encerrar, é para começar! Nã, asas dos meus sonhos, traz mais um copo e uma cadeira, que minha poesia chegou de mais um ensaio no teatro São João.

Sentados ali, no banco da praça, a líder comunitária Geane e o neto da senhora que estava na emergência de um pronto-socorro, em companhia de sua filha, aguardando uma vaga em um leito da enfermaria do hospital público da cidade de Maceió. Fazia dois dias que eles andavam de um lado para o outro, tentando conseguir falar com alguém influente que conseguisse uma internação para a querida avó daquele neto, de quem ela cuidou como se fosse seu filho.

Aquele esforço e dedicação eram assistidos pela estátua de dois metros de altura do Marechal Deodoro da Fonseca, o homem que programou a República de um país chamado Brasil. Eles pararam na Praça para esperar a abertura do Seminário de Saúde Pública que estava para acontecer na cidade. Geane, por ser líder comunitária, iria participar. Aproveitaria o momento para entrar em contato com a suas redes de conhecimento e tentar conseguir um leito decente para uma mulher de 73 anos, aposentada, que residia na zona rural do estado de Alagoas, vítima de um acidente vascular cerebral.

Estavam se recuperando das frustrações do dia anterior. Tinham ido até a sede do governo para falar com a secretária de assistência social, no intuito de viabilizar a saída da paciente de uma maca enferrujada em um universo caótico das emergências públicas hospitalares. Foram recebidos com uma desculpa qualquer e não foram atendidos.

Mas a fé não os abandonou. Ao abrir o evento de saúde pública, Geane foi fazer a sua inscrição, o neto da senhora a acompanhou. Não queria ficar espe-

rando na praça. Poderia ter ficado ali, tomando sorvete gut-gut, sucesso entre a juventude alagoana. Mas o dia não estava doce.

A inscrição e a abertura do evento aconteciam simultaneamente, quando, de repente, aparece o excelentíssimo governador com toda sua assessoria para a abertura do evento no qual seriam apresentados os resultados positivos da saúde pública alagoana. O neto da paciente avistou a figura do governador, fixou nele os olhos tristes e cansados das desigualdades sociais que assistia em seu país e das quais sua avó era uma das muitas vítimas. Geane havia feito sua inscrição quando disse:

- Você quer falar com ele?
- Não vai lhe prejudicar? Indagou o rapaz, com uma voz trêmula.
- De forma alguma, ela afirmou, confiante.

Quando ele pensou em se aproximar do governador, o próprio o chamou e perguntou o que ele queria. Havia notado seu olhar desde a entrada naquele local e perguntou o que o afligia, se estava querendo um emprego. O rapaz não conseguiu conter suas lágrimas. Disse que tinha emprego e explicou que o que estava dilacerando seu coração era a situação de sua avó em uma emergência pública. Quase não conseguia articular as palavras, quando Geane, com sua paciência e comprometimento com o próximo, explicou para o governador toda aquela aflição. O governador pediu para seus assessores providenciarem um leito em um hospital público, onde pouco antes haviam afirmado que não tinha vagas. Deu um abraço na fragilidade daquele ser, que o agradecia soluçando em lágrimas.

Duas horas depois daquele encontro casual que o destino havia preparado, a velha senhora de rosto angelical estava instalada em um leito sob os cuidados da equipe branca e o amor de sua filha, que a acompanhou em toda sua estada na enfermaria, até receber alta hospitalar.

O relógio, importado da Inglaterra, era a principal referência na Praça Siqueira Campos, na corajosa Belém do Pará. Quatro empresários, sentados, olhavam para uma das quatro luminárias que clareavam a praça. Tinham em comum a depressão, consequência da falência das suas empresas. Foram ricos e agora eram pobres e endividados. Os amigos os abandonaram, as mulheres os deixaram, os filhos cresceram e saíram de casa, os empregados queriam seus direitos trabalhistas; o governo, os tributos atrasados. Restaram apenas suas maletas 007, onde guardavam as promissórias, as hipotecas, os seguros vencidos, as parcelas de empréstimos atrasados, os impostos não pagos, os talões de cheques sem fundo, os cartões de créditos cancelados, os contratos interrompidos... uma vida sem ponteiro nem bateria, só números.

Mas o tempo não parava. As horas corriam. Estavam há duas horas ali, sentados em um dos bancos de madeira da praça, refletindo no vazio... Quando se teve tudo ou quase tudo e depois se perde, fica-se oco. Nunca tinham parado em uma praça, eram homens de negócios, o tempo era lucro, e o lucro investimento para aumentar o patrimônio. Não podiam parar, muito menos sentar em um espaço a céu aberto à espera do nada. Para eles, tempo era dinheiro. Não queriam chorar, pois não aprenderam a ler poesias e nunca assistiram a novelas.

Os empresários foram, um dia, estudantes. Quando jovens, cursaram faculdade, seguiram a carreira empresarial herdada da família. Exceto para Jovino de Jesus, mais conhecido como JJ Ponteiro, o ex-dono de uma fábrica de relógios. Havia iniciado sua vida nos negócios aos 11 anos de idade, aju-

dando o pai a consertar relógios de todos os tipos, principalmente os decorativos, usados nas paredes, além dos despertadores dos operários. Jovino parou os estudos na sétima série, considerada por ele uma série difícil e que, hoje, é conhecida como oitavo ano. Depois da morte prematura do pai, devido a um choque elétrico, investiu o dinheiro do seguro de vida e, aos vinte anos, tornou-se empresário. Aos 45 anos, viu seu patrimônio arruinado, por causa do vício em jogos de azar. Jogara nos melhores cassinos, durante os cruzeiros que fazia ao lado de sua mulher, que o abandonou com o capitão do último cruzeiro realizado, antes do vencimento da concordata da empresa. Ele e os demais não souberam conduzir suas moedas e não souberam escolher as suas mulheres. Mimaram demais seus filhos e enteados, foram maus patrões e não tiveram tempo de cativar amigos, preenchiam suas festas com pessoas fúteis, que serviam apenas para aparecer estampadas em fotos coloridas em mídias diversas.

Agora estavam ali, sozinhos, olhando o movimento circular, atrelados aos números que outrora enchiam seus cofres, ofertando poder e glória.

A depressão não os deixava mais sonhar. O que restava a fazer era adiantar a hora da partida. Às doze horas em ponto, quando os ponteiros se encontraram, os pombos voaram bem alto, assustados com o estrondo provocado pelo disparo de quatro armas de fogo que estavam nas malas daqueles empresários.

Quatro horas depois, os bancos da praça eram lavados pelo serviço de limpeza urbana.

Toda mulher um dia foi bailarina, mesmo em pensamentos... Certamente, as mulheres sonharam em dançar como bailarinas e em ser conduzidas pelos sonhos de seus pais, ou pelo dom natural de cada ser em sua história de vida. Para Ludmila do Nascimento e Silva foi o acaso, junto com a necessidade de sobrevivência, que a levou a dançar pela primeira vez em praça pública. Não saiu de dentro de uma caixinha de música, como nos contos de fadas, e sim de um baú. Ela carregava um baú com as suas indumentárias. Cada dia, usava um adereço diferente para renovar seu figurino de três peças. Alguns diziam que ela morava naquele baú, mas o povo gostava do lúdico para esquecer seus problemas.

Ludmila tinha 30 anos, era uma “balzaquiana”, adjetivo dado às mulheres solteiras com mais de 30 anos, moradora de Porto Velho, capital de Rondônia. Desempregada e abandonada pelo marido, órfã de pai e mãe, filha única, de pele clara, magra e cabelos lisos, rosto afilado. Para não seguir a profissão do pecado, criou um número de dança, no qual saía de dentro do baú, comprado em um brechó .

Não havia trilha sonora a não ser a melodia dos seus gestos. Era uma bailarina moderna, lembrava Isadora Duncan, devido às suas túnicas e também por dançar descalça. Sua magreza a ajudava a fazer piruetas um pouco difíceis para sua idade, porém não se intimidava, precisava sobreviver do lúdico. Era muito graciosa. Todos gostavam de vê-la dançar, principalmente as vovós. O número era apresentado ao meio-dia e no final da tarde, na praça, em frente

à estátua do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, um pacificador das tribos indígenas que viveu um tempo naquela região.

O público do meio-dia era composto por jovens e trabalhadores em sua hora de almoço e por alguns desocupados que não davam nem um real após a apresentação do número de dança. O público da tarde era composto por donas de casas, todas com idade avançada e pelo padre, que passava por lá a caminho da missa das seis. Esses eram fiéis na oferta, principalmente no final do mês. Exceto o padre, que sempre saía antes de acabar o número, segurando seu guarda-chuva. Tinha medo de ficar resfriado, medo de pegar os últimos raios solares, medo do sereno. Na realidade, tinha medo de morrer.

Ludmila era considerada a bailarina da Praça Marechal Rondon. Até a imprensa já a havia procurado para uma reportagem.

A chegada de um circo na cidade mudou sua vida. Não foi por causa de sua performance como bailarina, mas por paixão. Foi cortejada após a apresentação do meio-dia pelo palhaço do circo. Foram almoçar juntos e, depois, sumiram da cidade. As crianças ficaram sem o palhaço Marmelada e a população sem a bailarina da praça.

A Igreja de São José, em frente à Praça Veiga Cabral, em Macapá, estava lotada. Não era para menos, pois, depois de dez anos de namoro e noivado, o farmacêutico ilustre da cidade e também poeta, Hipólito Damasceno Figueira de Melo da Costa Neto II, estava prestes a perder sua virgindade com Eleonora Quitéria Rosa e Silva, uma pedagoga pós-graduada.

Hipólito II, como era mais conhecido, herdou do pai o nome e a farmácia. cursou Ciências Farmacêuticas e ali ficou. Os amigos caçoavam da sua donzelice, aos 33 anos. Era ainda virgem e dizia para quem quisesse ouvir que iria casar virgem, pois assim pensava e agia todo verdadeiro cristão. Estava se guardando para a mulher ideal. Não tinha religião definida, mas lia a bíblia todos os dias, antes de abrir a farmácia e antes de fechá-la. Considerava-se cristão. Tinha como ajudante, na farmácia, um jovem surdo-mudo. Ambos foram solidários no momento da contratação. Ele por aceitar o jovem, mesmo sabendo de suas limitações, e o rapaz por aceitar aquele salário inferior ao que era oferecido pelo mercado.

Por Hipólito, o casamento já era para ter acontecido. Quando conheceu Quitéria Rosa, ela não gostava do seu primeiro nem último nome. Já estava pronto para casar. Tinha o sobrado onde funcionava o seu estabelecimento. Em cima deste, sua residência, com os melhores móveis e um enxoval completo comprado pela sua querida mãezinha. Não era filho único, tinha oito irmãos, todos estavam vivos e casados e moravam na região do Amapá.

A pedido da sua Quitéria Rosa, o casamento foi prorrogado para que ela pudesse terminar os estudos. Quando se conheceram, ela estava na faculdade

de pedagogia. Assim que colou grau, entrou na especialização, em seguida, no mestrado, logo após, emendou com o doutorado em outro estado. Nesse período, eles só se viam duas vezes por ano, nas férias, quando ele ia visitá-la em São Paulo. Quando terminou o doutorado, ela conseguiu uma bolsa no estrangeiro para fazer o pós-doutorado. Ficaram dois anos se comunicando através de cartas. Ele mandava uma carta por semana e ela lhe respondia uma vez por mês, com um cartão-postal da cidade onde estava. Às vezes, recebia a mesma imagem do cartão de três meses atrás.

Agora que os estudos findaram, não aguentava mais de tanta ansiedade em ter aquela mulher em seus braços, construir uma família com muitos filhos, a exemplo do seu pai, e ser fiel para toda uma vida.

Ao som do Bolero de Ravel, Quitéria Rosa entrou na igreja num branco nada transparente, tão obscuro quanto sua alma, com um ramalhete de flores de jasmim exalando cheiro de tristeza, sendo conduzida por seu carrasco, seu genitor.

Todos se levantaram e aplaudiram com a espontaneidade de um povo feliz, pela felicidade de seus conterrâneos.

A praça estava toda iluminada, quase não tinha espaço para os taxistas que faziam ponto na praça, pois as pessoas que não puderam entrar na igreja aguardavam a saída triunfal dos noivos. Estavam, todos, espalhados pela praça. O carro que os transportaria para a lua de mel já estava todo enfeitado e o arroz, nas mãos dos seus amigos, a fim de selar a felicidade do casal. As moças, as que estavam no caritó, esperavam ansiosas pelo buquê de flores. Aqueles aplausos pareciam fogos de artifícios. Todo aquele acontecimento ia perturbando o sono, a paz, a liberdade de Quitéria Rosa. Enquanto que, para Hipólito II, era o início de uma vida de gozos.

Quando chegou ao altar, ela foi entregue à sua infelicidade. Quando o padre perguntou para Hipólito II o sim e o não na alegria e na dor, o seu sim fez tocar o sino da igreja, levando o eco para todos os lares onde houvesse felicidade.

O farmacêutico poeta não merecia receber o sim de Quitéria Rosa. Ela iria fazê-lo infeliz, pois o iludiu durante dez anos, deitou-se com outros homens, não poderia levar aquele homem à loucura. O padre estava a pensar na per-

gunta final para noiva. Olhava para aqueles olhos de coruja e esperava que ela dissesse não.

Quitéria estava sintonizada com o padre. Pensava o mesmo que ele e também pensava em si, sempre pensou. Hipólito não era o homem ideal para sua vida e ela não foi e nunca seria a mulher para acordar ao seu lado e fazer seu mingau de maizena. Não conseguia olhar nem mesmo para as imagens sacras, durante aquele segundo em que três letrinhas mudariam a vida do casal que nunca deveria ter se conhecido. Queria sair correndo dali, pegar o primeiro táxi e nunca mais voltar àquela cidade. Era uma mulher independente, liberal, inteligente, experiente, determinada, mas jamais havia sido tão desejada, amada e querida por aquela criatura. Será que encontraria outro homem que lhe seria fiel? O que seria dele se o abandonasse no altar? Resistiria àquele abandono? Tornar-se-ia um alcoolista, um louco ou um assassino? Talvez, tornar-se o marido de uma adúltera iria ser menos doloroso e talvez ele nunca descobrisse o amante de Quitéria Rosa, que tinha acabado de celebrar e abençoar seu matrimônio, com o sim seco da noiva.

As flores coloridas da praça antecipavam a primavera. A razão matou a emoção e o barulho feito pelas latas colocadas no carro nupcial alertavam o mundo para mais um casamento infeliz.

Liberdade combina com praça e existem praças em todas as partes do mundo. Pessoas também. Em BH, como é mais conhecida a capital do estado de Minas Gerais, existe a Praça da Liberdade, com seus diversos estilos arquitetônicos, inclusive o neoclássico, com fontes luminosas e jardins que se assemelham ao palácio onde residia Maria Antonieta e Luiz XVI, o famoso Palácio de Versalhes.

A semelhança não parava nos traços arquitetônicos. Naquela praça, também havia uma Maria Antonieta, só que era chamada apenas de Maria, a louca da praça. Ninguém sabia onde ela morava, porém todos sabiam onde encontrá-la. Passava o dia com um rádio ligado, encostado no ouvido. Usava sandálias de salto e muitas bijuterias. Vestia-se com vestidos compridos e trazia um leque na mão direita. De pele branca e bustos avantajados, fazia inveja a muitas mulheres-frutas. Gostava de ficar circulando por toda a praça, falando com o seu rádio. As pessoas que passavam ou paravam para respirar o ar puro e admirar o verde que formava a praça olhavam com curiosidade. Queriam saber o que ela ouvia.

As crianças tinham medo dela. Os pais diziam que, se não se comportassem, iriam entregá-las à velha senhora. A tortura verbal substituía as palmadas de outrora.

Os pássaros e os pombos não tinham medo dela. Eram seus amigos. Durante o tempo em que permaneciam ali, se entendiam na melodia da vida cantada pelos pássaros. Afinal, não havia cobranças. Tomava água no chafariz, onde também lavava o rosto. Esse era o único momento em que parava de

ouvir o rádio e de se abanar. Com as mãos marcadas por linhas, seria uma perfeita cliente para uma cigana desvendar a sorte. Trazia as unhas pintadas com cores alegres, lavava o rosto como se estivesse lavando a alma. Depois, tirava um lenço de pano que estava pousado em seus seios e secava a face suavemente.

Possuía três vestidos: um branco, um vermelho e um azul. Todos longos, com um único botão perto dos seus grandes seios. Não tinha bolsa, usava o bolso do vestido para carregar a maquiagem, sobretudo um batom roxo.

Certo dia, perto das comemorações do aniversário de Tiradentes, líder da Inconfidência Mineira, a insanidade humana levou Maria para uma prisão aberta, nas melhores intenções de um serviço social, realizado pelo aparelho do Estado. Ela não resistiu aos homens da paz e fez um único pedido: que não a deixassem sem o seu rádio, iria enlouquecer, preferia ir à forca. A paz se transformou em inferno. Jogaram seu rádio no chafariz e a colocaram na ambulância, seguindo viagem. A pressa a fez prender a ponta do vestido vermelho na porta do automóvel, na subida de uma ladeira. A porta se abriu e Maria caiu. Descendo a ladeira, quem via aquela cena ao longe pensava ser um tapete estendido para passagem da família real.

De todos os quesitos para compor uma escola de samba, a bateria é a alma da agremiação, tocando o samba-enredo que leva os foliões ao delírio nas noites de Carnaval.

Estava tudo certo para a escola entrar na Marquês de Sapucaí. Era a primeira escola do chamado grupo especial a abrir o Carnaval de um ano eleitoral. A comissão de frente estava aberta para os aplausos e fotos das revistas semanais. Tudo estava um luxo só, mas a escola não pôde entrar na avenida. A sua alma não estava presente. A bateria não apareceu. Não havia um componente sequer para contar o que aconteceu. As horas, os minutos e os segundos pareciam uma eternidade. O tempo passou e a escola não entrou.

Os músicos ficaram tocando seus instrumentos na Praça Onze para uma população que não tinha como comprar ingressos para o desfile. Ficavam nos arredores, esperando o final do desfile para ver as fantasias que brilhavam na avenida. Não foi proposital, nem uma atitude antiprofissional. Pararam ali para afinar seus instrumentos e esqueceram a Marquês de Sapucaí.

A estátua de Zumbi dos Palmares, com flores doadas pelos admiradores, também se deliciava com aquele batuque em pleno domingo de Carnaval.

No meio daquela batucada, surgiu uma linda baiana armada com suas saias rodadas. Amélia era uma velha baiana, negra de um sorriso cristalino, de uma energia contagiante. Carregava, nas mãos, a bandeira de sua escola, lembrando a tia Certa, baiana dos saudosos carnavais cosmopolitas nos quais espanhóis, italianos, baianos e judeus abraçavam o samba na sua essência sem perder a nacionalidade.

Amélia carregava também em seus lábios africanos um apito, instrumento usado para ritmar o batuque da bateria. O apito tocado pelos lábios de Amélia levantava a arquibancada imaginária de um carnaval democrático, em todas as suas raízes oriundas dos antigos clubes frequentados pela alta sociedade e que posteriormente foi adotado como uma brincadeira popular e jamais abandonado.

Na mente daqueles que assistiam àquela apresentação na Praça Onze, de Grande Otelo e Herivelto Martins, acontecia mais um carnaval de rua. A praça estava repleta de foliões, fantasiados de presidiário, mulher maravilha, Saci-Pererê, índio de penas sintéticas coloridas e tantas outras fantasias conhecidas ou inventadas.

Repentinamente, a bateria parou. O apito de Amélia silenciou. Os confetes e serpentinas vieram ao chão. O sol fluiu seus raios luminosos sem danos à saúde. Nesse cenário, um folião foi despertado por um gari que varria a folia de mais uma noite de alegria. O folião fantasiado de guarda de trânsito, com um apito na boca, não gostou de ter sido despertado dos seus sonhos carnavalescos. Queria ter permanecido em seus sonhos, com aquela bateria e toda a ala das baianas, em especial a mulher de verdade, sua avó Amélia, que em vida levava o neto para assistir aos belos carnavais de rua, onde não existiam arquibancadas e camarotes. Apenas a apoteose da alegria, da fantasia e da criatividade, temperos para cair na folia até a Quarta-Feira de Cinzas.

Conhecida por Praça da Matriz, seu nome oficial é Praça Marechal Deodoro, na feliz Porto Alegre. À sombra das oliveiras procedentes de Portugal, sentado em um dos bancos da praça, seu Júlio, de noventa anos, lia seu jornal, comprado ao moleque Ricardo, que vendia jornais nas praças do centro, o que o diferenciava dos outros colegas que preferiam os sinais de trânsito. Seu Júlio era o seu cliente especial, por ter noventa anos, ser um homem culto, simples, e mão-aberta. O jornal custava dois reais, mas ele sempre pagava cinco e não queria o troco. Não faltava um dia. Ricardo também não.

Seu Júlio era um leitor voraz. Lia quase todo o jornal. Gostava de começar pelas notas de falecimentos. Não perdia uma missa de sétimo dia. Todo mundo o conhecia, exceto os familiares do falecido. Lia todas as notícias, menos os classificados, pois não tinha intenção de comprar mais nada. Sua última compra via classificados foi o seu ataúde.

A leitura diária do jornal era iniciada às sete e, normalmente, terminava às quinze para nove da manhã. Em seguida, ele recortava o anúncio escolhido, com as informações sobre o ato de fé cristã ao qual ele iria comparecer. Usava o critério de nome de família. Nunca tinha ido para uma missa de um Silva. Depois guardava o anúncio em uns dos bolsos do paletó e, do outro bolso, retirava uma maçã e a degustava sem pressa. Jogava o jornal na lixeira junto com as sementes da fruta, dava uma volta na praça, atravessava a rua e entrava no hotel onde morava, cuidava do seu corpo e da sua mente e, ao anoitecer, estava presente em mais um missa de um desconhecido.

Só não foi à missa de sétimo dia do seu corpo presente, mas, antes de partir, havia deixado tudo organizado, inclusive a publicação de seu próprio anúncio fúnebre. Não apareceu ninguém da família. Apenas o menino Ricardo, que soubera através do anúncio lido na manhã em que completava sete dias sem uma boa gorjeta.

Quando o sino da igreja da matriz batia as badaladas da meia-noite, a Praça Ary Coelho, na cidade de Campo Grande, esvaziava-se. Não ficava um pé de pessoa. A ventania balançava as árvores, quebrando o silêncio da madrugada, as luzes ficavam na penumbra e se ouvia, ao longe, o canto da coruja.

Em um prédio em frente à praça, apenas se via uma luz acesa de um dos apartamentos do sexto andar. Era o apartamento da síndica. A velha senhora sofria de insônia, era alérgica a medicamentos, e os chás de laranjeira e alface não eram suficientes para adormecê-la. Não assistia à televisão, porque sua religião proibia. Não lia um livro, porque tinha glaucoma. Era divorciada. Tinha como companhia um binóculo, que pertenceu à senhora sua mãe quando frequentava o teatro municipal.

Da janela do seu quarto, a síndica passava horas olhando a noite através da praça. Certo dia, percebeu uma movimentação no chafariz. Pessoas brincavam com água, mas não se molhavam. As vestimentas daquelas pessoas eram da época da monarquia, e a cada hora passada chegavam mais pessoas. A praça estava lotada. As pessoas circulavam por todos os cantos da praça, como se estivessem na festa da padroeira.

Quando ela tirava o binóculo, não via ninguém, e não era por causa do glaucoma, que estava no início. Queria descer para conferir de perto quem eram aquelas pessoas. Seria um baile à fantasia, uma encenação teatral? Mas não havia público. Será que não estavam realizando ali a gravação de um filme de época? Precisava entender o que estava acontecendo. Não estava ficando louca, mas não se atreveria a comentar com ninguém o que via. Não tinha ami-

gos e, além disso, iriam tomar o seu cargo de síndica, que exercia há 12 anos, e deixaria de ganhar os privilégios que o cargo oferecia. Além do mais, não era uma síndica honesta.

Ela foi surpreendida com um aceno vindo de uma criança que balançava suavemente a mão direita. A criança estava na companhia de uma mulher negra, brincando próximo ao chafariz. Suas mãos tremeram, as pestanas levantaram e a curiosidade a encorajou a descer para constatar o fato. Guardou o binóculo e, com seu robe negro de dormir, bobes de plástico amarelo no cabelo e seus óculos de grau, desceu os seis andares, driblou o porteiro, que roncava e resmungava, e foi até a praça. Não viu ninguém, nenhuma viva alma, como dizia sua mãe. Foi até o chafariz, chegou a molhar os dedos gordos, que ficaram engelhados, olhou para o céu e viu a coruja passar. Agradeceu a Deus por ela não ter cantado e voltou às pressas para casa, com a sua curiosidade frustrada.

Na agonia de subir para o seu apartamento, assustou o porteiro, que pulou da cadeira. Este se recompôs logo em seguida. Afinal, era um sertanejo, cabra macho, como se dizia na sua terra natal. E questionou a estranha atitude da criatura. O que ela estava fazendo, de madrugada, no meio da rua? Ela explicou que tinha ido dar uma volta na praça para recuperar seu sono.

– Cruz credo, Deus pai e Nossa Senhora! A dona não tem medo de assombração? Esse lugar, antes de ser uma praça, foi o primeiro cemitério da cidade!

Encadernação de monografias, xerox, douração, orientação de pesquisa. Eram esses os serviços oferecidos pelo jovem de vinte e um anos. Havia sido aprendiz, aos catorze anos, na tipografia de seu Gildo. Hoje, administrava sozinho a sua tipografia, para alívio dos universitários que circulavam na Praça Universitária, principalmente nos finais das graduações e pós-graduações. Isso por causa da bendita monografia, para a qual era exigida a chamada capa dura e a tal de ficha catalográfica.

Era conhecido em Goiânia como “tipógrafo”, fazendo aqueles serviços com destreza e sabedoria. Na sua pequena tipografia, cabiam ele, as máquinas que cortavam papel, conhecidas como guilhotinas, e uma outra máquina que gravava os tipos de metal, além de uma pequena copiadora para documentos. Ele respeitava os direitos autorais, já que não queria pagar a porcentagem para os autores das obras fotocopiadas. Lá também tinha um bebedouro de água mineral, que ele fornecia por dez centavos o copo. Além disso, vendia canetas azuis e pretas. Como não tinha computador, os serviços de pesquisa e ficha catalográfica eram terceirizados, feitos por uma amiga bibliotecária de uma das universidades próximas à praça. Na realidade, existia uma paixão mal resolvida entre ambos. Ele, sendo um rapaz de 21 anos e casado, pai de um garoto, e ela, uma mulher experiente de cinquenta anos e três divórcios, porém muito conservada para sua idade, mesmo sendo de pele branca, olhos verdes e uma bela tatuagem no meio dos seus seios, uma pomba, da qual dizia ser a pompa da paz. Quebrava todos os estereótipos de uma bibliotecária. Os alunos do departamento onde ela trabalhava adoravam as suas orientações.

O tipógrafo acordava cedo, mal se alimentava, abria a sua tipografia e separava as letrinhas para compor a douração das monografias. Foi à escola até o oitavo ano, porém terminou o segundo grau depois de concluir o supletivo, em um período de três meses, numa cidade vizinha. Pensou em ingressar numa universidade, mas agiu ao contrário, preferindo trabalhar, trabalhar, sem esperar resultado futuro. Vivía o presente. Casou-se aos dezenove anos. Mas foi pai aos quinze.

Pelas suas mãos passava o conhecimento adquirido nas diversas áreas do saber. Para ele, o importante era o saber fazer. Ele sabia disso quando exercia o seu ofício de encadernador e tipógrafo, dourando as capas com o título, autoria e instituição responsável pelo tratado ou folhetos, porque alguns alunos não gostavam muito de escrever ou não tinham muita coisa para dizer, por não terem absorvido a aprendizagem durante a vida acadêmica.

Mas isso não importava para o tipógrafo. Queria apenas garantir o sustento da família, e a sua coleção de bonés. O seu preferido era um do time Paris Saint-Germain, o PSG, comprado na Avenida Champs-Élysées, em Paris, lembrança de um dos seus clientes.

Raramente lia um livro. O último que leu foi por acaso, atraído pelo título: *Memória de minhas putas tristes*, de Gabriel García Márquez. Gostou muito e releu outras vezes. Pegou emprestado *O Pequeno Príncipe*, com sua amiga bibliotecária. Não o leu. Também não devolveu. Tinha o hábito de ler o resumo das monografias, quando o título chamava sua atenção. O resumo o levava às suas próprias conclusões e, às vezes, não entendia as variáveis e hipóteses apresentadas para mostrar o óbvio.

Enquanto o público da praça se renovava a cada semestre, com a entrada dos novos calouros nas universidades, as ideias também se renovavam, transformando-se em outras ideias e terminavam nas mãos do tipógrafo, para encadernação e douração em ouro ou prata, com capa dura de cor preta, ou a critério do autor. Garantia a sustentabilidade do tipógrafo e de sua família, valorizando seu ofício remanescente do criador dos tipos móveis: metal, tinta e a prensa Johann Gutenberg. Enquanto houvesse papel e impressão... e cérebro.

A imponente e necessária árvore conhecida por Paxiúba, com seus quinze metros de altura, acolhia todos que procuravam uma sombra para se abrigar do sol da cidade de Rio Branco.

Em um desses dias quentes, um grupo de artistas mambembes estacionou na praça. Uma trupe formada por uma família, a mulher, Libânia, e seus três maridos, Dionísio de vinte anos, o acrobata da trupe e cego de nascença; Amadeus, de trinta e seis; e Durval, de cinquenta e dois.

O grupo tinha um velho automóvel: um caminhão que servia como palco para suas apresentações e moradia.

A trupe, conhecida pela fato de Libânia dormir com os três homens, era formada pela mulher-macaco, interpretada por Libânia, que também dançava em cima de um pequeno tambor no final das apresentações. Dionísio, que além das acrobacias, fazia as pessoas rirem com seu personagem de palhaço estilizado, performático, de salto Luís XV; Amadeus, que fazia mágicas e encantava o público com a sua voz de cantor de ópera, sempre criando paródias com as óperas dos grandes compositores; Durval só sabia tocar um velho violino, sentado em sua cadeira, amparado pelos seus quase 120 quilos.

Eles não passavam mais do que três dias em uma praça. Para assistir às apresentações, a população podia pagar ou não. Em frente ao caminhão, ficava depositada uma caixa de papelão onde eles recolhiam donativos e, em outra caixa menor, cédulas e moedas. Tudo era aceito para poderem sobreviver de sua arte e do seu modo de vida. Principalmente os donativos, tais como galinha de capoeira e de granja e leitão. Houve um dia em que ganharam um porco,

que pertencera a uma mulher que havia fugido com um forasteiro. Revoltado, o marido abandonado quis se livrar do leitão e o doou para a trupe. O porco já estava fazendo parte das encenações. Porém, em uma época em que eles estavam sem nenhum dinheiro na algibeira, venderam o porco para um comprador de bicho, que levou o animal direto para ser ofertado como presente de casamento de um amigo que tinha carregado uma cabocla que sofria maus tratos do seu ex-marido. O porco estava prestes a ser morto quando a mulher o reconheceu e o salvou, passando a acreditar no destino.

Essa estória chegou aos ouvidos da trupe, que a propagava em forma de cordel durante as apresentações. Porém nem tudo floria para aquele quarteto. Algumas pessoas os hostilizavam. Homens e mulheres que não enxergavam a felicidade naquela relação afetiva plural. Havia lugares por onde eles passavam e não podiam estacionar o “caminhão da imoralidade”, como diziam alguns incrédulos de sentimentos.

O último dia na Praça do Povo da Floresta foi de alegria para a trupe, pois ficaram sabendo que estava para vir ao mundo mais uma criatura para compor o quarteto. Em breve seria um quinteto. Libânia estava grávida. Quem seria o pai? Eles não sabiam, mas tinham a certeza de que todos abençoariam a criança, trocariam suas fraldas, cantariam canções de ninar e deixariam a criança crescer como a Paxiúba, sendo útil para a humanidade.

Dona Amália, seu Rodolfo, Abigail, Cristina, Eliseu, Mário, Severina, Gilberto, Josenildo, Cláudia, Roberta, Malaquias, Renata, Zé Pretinho, Dinho, Ninha, Quaresma e Manjá; Silvinha, Alex, Dario, Dorinha, Cuca da Luz, Quebra-Mola, Zazá da Farinha, Baianinho das Alagoas, Zé Carlos, Cholinha, Rex, Baleia, Batatinha, Miado, Reco-Reco, Mané da Sopa. Todos os seres que respiravam a boemia. Passavam suas sextas-feiras naquela praça, ouvindo música.

Certo dia, a população foi infectada por um tipo de música sem melodia e sem ritmo, um vazio de palavras soltas ao vento, deixando a população surda. Nem os animais irracionais, com sua audição apurada, ouviam o que se tocava ao redor da praça.

Às sextas-feiras, na Praça Popular em Cuiabá, a melodia não tinha mais brilho. Ninguém mais recordava a sua vida e nem a dançava. Os amores dormiam em seu silêncio tristonho até o raiar do dia, quando os bares ao redor fechavam as portas e os boêmios voltavam a ouvir o canto de uma jandaia, moradora do local, o único som que provocava emoções.

O tempo foi passando, até que a música de palavras vazias deixou de existir, e os tímpanos da população voltaram a escutar o som do alfabeto em forma de belas melodias. Para alegria de Mané da Sopa, Reco-Reco, Miado, Batatinha, Baleia, Rex, Cholinha, Zé Carlos, Baianinho das Alagoas, Zazá da Farinha, Quebra-Mola, Cuca da Luz, Dorinha, Dario, Alex, Silvinha, Manjá, Quaresma e Ninha, Dinho, Zé Pretinho, Renata e Malaquias, Roberta, Claudia, Josenildo e Gilberto, Severina, Mario, Eliseu, Cristina, Abigail, seu Rodolfo e Dona Amália.

1891. Esse foi o ano no qual a figueira centenária foi transportada para a Praça XV de Novembro, na velha Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. Início da última década do século dezenove, quando conheci minha alma gêmea, Coralina Maria dos Prazeres Silva, hoje Coralina Maria dos Prazeres Martins, minha mulher. Conhecemo-nos na Praça XV. Como testemunha do nosso primeiro encontro, havia a figueira recém-chegada à praça a nos ofertar a sua sombra e refrescar nossa alma. Eu cursava direito, tinha 21 anos e uma fortuna para administrar. Era filho único. Cora, como a chamava, foi uma escrava alforriada pela Lei do Ventre Livre. Seus pais foram escravos na fazenda do senhor meu pai. Seu pai, o velho Tomás, morreu no dia da libertação dos escravos, deixando minha sogra com 11 filhos.

Em frente à figueira, Cora vendia quitutes feitos por sua mãe. Nesse dia, eu tinha ido me encontrar com a minha namorada sinhazinha Helena, moça prendada que escolheram para mim. Sinhazinha Helena não compareceu àquele encontro. Fiquei sabendo depois que estava doente, havia contraído tuberculose. Então passei no tabuleiro daquela mulata e peguei um quitute. Conhecemo-nos naquele dia, comi aquele doce de goiabada com coco, e minha vida mudou. Fiquei sabendo de sua história e, por coincidência, da relação de trabalho que seus pais tinham com os meus.

Minha namorada veio a falecer um mês depois de eu ter conhecido Cora. Meu pai sofrera um acidente de cavalo. Precisei parar a faculdade para cuidar dos negócios da família. Todas as tardes, quando voltava do trabalho, passava

na praça e ficava até o anoitecer me deliciando com aqueles quitutes e encantado pelo mel daquela flor de moça no auge dos seus 18 anos.

Quando meus pais souberam que eu estava cortejando a filha dos seus ex-escravos, me recriminaram, gritaram comigo, ameaçaram deserdar-me. Seus pais também foram contra. Até os abolicionistas, com exceção, claro, de nós dois, porque estávamos apaixonados e felizes.

Afastamo-nos por um tempo. Tive que esquecer os quitutes. Mas o sabor permaneceu em meu paladar. Contudo, o destino foi decisivo para nós. Senti a amargura de perder meus pais em um acidente de trem, quando minha mãe acompanhava seu marido para tratamento na cidade vizinha. A tragédia libertou meus desejos e me jogou nos braços de Cora. Casamo-nos em meados de agosto do mesmo ano em que nos conhecemos, não éramos supersticiosos. Todos os meses eram iguais, os dias e as horas também. Além disso, não podíamos mais esperar para podermos nos amar como homem e mulher. O casamento foi em uma capelinha ali, próxima à praça. A igreja estaria vazia, se não fosse a presença de sua mãe, que abençoou o nosso amor, depois de muita resistência, e de seus irmãos.

Atravessamos um século, passamos por duas guerras mundiais, vários acontecimentos e descobertas. Tivemos nove filhos, cinco meninas e quatro meninos; onze netos, cinco bisnetos e três tataranetos. Morreram todos. Só ficou Ledinaldo, filho de um dos meus tataranetos. Ele esteve presente na missa de cem anos de nosso matrimônio. Foi muito emocionante. Cora apertava minha mão e respirava. Imaginávamos aquele momento. Afinal, estávamos cegos, surdos e não falávamos mais. Nossas vestes cobriam o corpo que a terra poderia ter dissolvido ou o fogo incinerado, mas estávamos ali, não tão fortes como as rochas, nem tão vivos como o verde daquela figueira. Qual seria a importância de continuarmos a viver neste mundo? Nossas identidades ficaram nos livros de história e nos arquivos públicos. O tempo não nos pertencia mais. Contudo, tínhamos medo de abrir nossos olhos e chorar bem alto mais uma vez.

Um metro e treze centímetros de altura. Considerado um menino devido à sua forma física, se não fosse a sua idade – deveria ter uns 32 anos –, pele escura, olhar de anjo caído, transitando pelas ruas, bêbado e carente de proteção e afago, sem rumo, sem hora certa para parar a sua bebedeira. O bairro já estava ficando enfurecido com os seus insultos contra quem estava quieto ou trabalhando. Chamava-se Ozido e lembrava Macunaíma, de Mário de Andrade. Sempre que tomava as suas bicadas ficava alterado e queria brigar com o mundo. Seria o mundo culpado de suas frustrações, fracassos, sucessos, traições, alegrias, compaixões? Afinal, quando bebemos, vem toda uma carga de sentimentos, que pode ser positiva ou negativa. Tudo vai depender do nosso astral e daquilo que somos em nosso eu.

Ozido não estava sozinho. Tinha a companhia de três amigos fiéis, de quem ele cuidava, esquecendo de si mesmo. Eram dois cães e uma cadela, que não viravam as latas porque, na cidade onde moravam, o lixo passava todos os dias. Esses cães viviam na Praça Generoso Marques. Foram os únicos a ficarem na praça depois da demolição do Mercado Municipal de Curitiba. Os outros cães seguiram para a Praça Dezenove de Dezembro, onde foi instalado o novo mercado. Os três animais não tinham coleira e só atendiam aos comandos de Ozido, principalmente quando ele estava na solidão.

Para onde ele se deslocava a cachorrada ia atrás, protegendo-o da fúria humana. Mas não podiam lhe dar conselhos. Foi então, depois de quase ter ido parar em uma emergência hospitalar do estado, devido a agressões, que encontrou o juiz de paz em um boteco. É sabido de todos que é difícil alguém ouvir

conselhos, e quando corre álcool na circulação sanguínea fica ainda mais difícil ouvir e seguir. Todavia, o juiz de paz era um homem que também tomava as suas bicadas, e, quando a sua bexiga enchia, era levado para casa pelos companheiros que conquistou, por saber viver em harmonia com o próximo.

As palavras do juiz de paz que soavam no ouvido do sócia de Macunaíma eram verdadeiras, sinceras, de pai para filho desejando o bem, em um discurso direto, sem rodeios, apegadas ao drama daquela criatura sem noção das suas ações depois da embriaguez.

As lágrimas de Ozido desciam. Não se sabia se elas iriam fortificar a sua alma e lavar seus olhos, despertando-o para uma nova vida, mais consciente dos seus atos. Mas foi salutar. Foi conduzido de volta ao seu lar, sob os cuidados dos seres irracionais. Eles o seguiam, pois os cães sabiam o caminho de volta para casa. Afinal, todas as tardes, quando Ozido passava pela praça, levava os cães sem dono para tomar sopa com ele. Depois de alimentados, os cães voltavam para praça, porque tinham conquistado a liberdade sem precisar morder o próximo.

Madame Claudel, mademoiselle Vague e monsieur Chanel eram colecionadores de sapatos. Não perdiam uma promoção e eram clientes especiais das principais lojas. Conheceram-se na Praça Portugal, às quinze para oito da manhã de uma segunda-feira, esperando que uma loja de sapatos muito conhecida abrisse. Estava começando mais uma promoção de inverno e a praça estava lotada, porque ao redor também funcionava uma central de lojas, restaurantes e cinema, no bairro nobre de Fortaleza.

Os três colecionadores, além de gostarem de sapatos novos, eram cabeleireiros dos bons. Faziam os cabelos da alta sociedade, sempre atendendo em domicílio. Eram sócios em um salão móvel, um automóvel do tipo Besta que levava todo os maquinários e instrumentos necessários para realçar o que era belo e amenizar o feio, tornando tudo admirável.

Seus verdadeiros nomes eram Josefa, Valdete e Raimundo. Porém, como estudaram francês no ginásio e gostavam desse idioma, criaram esses pseudônimos para fomentar seu empreendimento comercial. Deu certo. Além disso, criaram a marca CVC, comercializando alguns produtos para os cabelos em parceria com uma indústria química. Eles sabiam ganhar dinheiro, que gastavam comprando sapatos de diversas marcas e modelos. Madame Claudel tinha quarenta e dois anos e três divórcios, sem filhos. Mademoiselle Vague, trinta e três anos e uma relação incestuosa com o sobrinho de vinte um anos, que era noivo. E monsieur Chanel, no auge dos seus trinta e um anos, era casado com uma mulher que não se incomodava em ser traída. Na realidade, ela não se sentia traída, pois sabia que seu marido ficava com outras mulheres. Ele tinha

avidez pelos prazeres da carne, e ela só queria frequentar a sua igreja todos os dias.

Durante o Natal, a praça ficava decorada e o seu formato circular favorecia uma visão socialista. Esse período festivo era crítico para os colecionadores de sapatos. Os três caíam em depressão. Os clientes também, por não terem seus serviços nessa época tão humanizada. O terapeuta dos três – sim, eles faziam terapia – sugeriu, como forma de trabalhar a compulsão do ato de comprar sapatos e não usarem, que, dos mil e quinhentos e três pares que possuíam, ficassem apenas com três, usando o restante para fazer uma instalação fundamentada nos conceitos das artes plásticas.

Não foi fácil convencê-los, mas aconteceu um rebuliço, com aceitação do inusitado ato em plena Praça Portugal. Uma árvore de Natal foi construída com sapatos de diferentes marcas e modelos, em perfeito estado de conservação. Alguns dos sapatos jamais chegaram a ser tocados pelos pés humanos. Pés que carregam o corpo e a mente dos que andam em busca de algo, independente do seu estado físico e emocional, em uma sociedade que, muitas vezes, julga o que somos pela roupa e o calçado que estamos usando.

Um pombo de duas cores passou pela Praça da Paz Celestial, em Pequim, voou até a Praça Vermelha, em Moscou, passou uma noite na Praça des Vosges, a mais antiga de Paris, e veio parar na Praça dos Girassóis, a maior praça da América Latina, situada em Palmas. Era um pombo viajado. Tinha sangue cigano. Sobrevoou vários continentes, passou frio, fome e sede, mas resistiu às tempestades e, por onde passou, fez amizades, não guerra.

Trouxe consigo uma carta, escrita em esperanto. Dizia a carta: a terra precisa respirar para que a natureza possa produzir seus frutos e com eles poderem alimentar a humanidade e essa se tornar necessária ao bem-estar do planeta. Para que isso aconteça, é preciso sonhar e acreditar no hoje, começando por um simples gesto, não sujando nossas praças, iluminando-as, preservando seus bancos e brinquedos, regando as flores, podando as árvores com sabedoria. Na praça, a vida passa, e a cidade cresce.

O pombo era mortal, não era tão jovem e gostaria de passar suas experiências. Certo dia, comendo migalhas na rosa dos ventos, desenho pintado no chão da praça em homenagem às etnias indígenas, conheceu uma tênue pombinha, branquinha, pés pequenos e com olhar carente. Foi paixão imediata. Dali, seguiram para o Palácio do Araguaia e, lá do alto, construíram uma casinha e procriaram. Foram felizes, viram os filhotes voarem e morreram em silêncio.

PRAÇAS: CONTOS

FORMATO

15,5 x 22 cm

TIPOGRAFIA

Swiss 721 Cn BT

Minion Pro

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea,

Recife - PE CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br | editora@ufpe.br

ISBN 978-85-415-0170-5



Este é um dos 17 títulos publicados com o selo da *Coleção Novos Talentos* (edital 2012). A iniciativa é fruto de uma ação conjunta entre a EdUFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) e visa incentivar a publicação de obras inéditas, produzidas por servidores técnico-administrativos e estudantes em nível de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A proposta é democratizar a possibilidade de publicação através da descoberta de novos autores que, embora ostentem inegável talento para as letras, têm difícil acesso ao mercado editorial por serem neófitos. Todos os títulos foram analisados pela Comissão Editorial da EdUFPE, composta por cientistas da UFPE com notável saber científico, e representam importantes contribuições para diferentes áreas, tais como literatura, música, teatro, pedagogia, gastronomia, administração pública e tecnologia.